

O PAPEL DAS EMOÇÕES NA *ÉTICA* DE BARUCH SPINOZA

[THE ROLE OF EMOTIONS IN BARUCH SPINOZA'S *ETHICS*]

Miguel Ahumada Cristi *

Universidade Federal da Integração Latino Americana, Brasil

Debora Fatima Gregorini **

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

RESUMO: O texto corresponde a uma análise de caráter ensaístico sobre o papel das emoções na *Ética* de Baruch Spinoza. Ainda que abordemos a *Ética* como um todo, colocamos ênfase na parte III. *A origem e natureza dos afetos*. O nosso objetivo é mostrar as contribuições de Spinoza sobre a compreensão da natureza humana em relação às formas e aos meios que possuímos para aceder ao conhecimento. O racionalismo tradicional, em especial o cartesiano, entende que a única via de acesso à verdade é a razão; Spinoza não aceita essa premissa, defendendo que corpo e as emoções também são partícipes da captação e criação do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: *Ética*; Spinoza; emoções; conhecimento

ABSTRACT: The text corresponds to an essayistic analysis of the role of emotions in Baruch Spinoza's *Ethics*. Although we address *Ethics* in its entirety, we put emphasis on part III *The origin and nature of affections*. Our objective is to show Spinoza's contributions to the understanding of human nature in relation to the ways and means we have to access knowledge. Rationalism, especially Cartesian, understands that the only way to access the truth is the reason; Spinoza does not accept this idea and argues that the body and emotions are participants in the capture and creation of knowledge.

KEYWORDS: *Ethics*; Spinoza; emotions; knowledge

1. SOBRE BARUCH SPINOZA¹

Baruch Spinoza é filho de uma família sefardita portuguesa. Com a expulsão dos muçulmanos dos reinos de Portugal e de Espanha a Península Ibérica sofreu um clima de intolerância religiosa bastante agressivo, tendo os cristãos como grande maioria populacional. Por esse motivo, a família de Spinoza reiniciou a sua vida em um lugar onde as religiosidades compartilhavam um espaço de menor inimizade, os Países Baixos. Assim, Spinoza nasce em Amsterdam, no ano de 1632. Ainda que não haja total acordo na literatura, o mais provável é que o filósofo tenha crescido em um ambiente trilingue, aprendendo simultaneamente as línguas portuguesa, hebraica e neerlandesa.

Iniciou os seus estudos em instituições judaicas e, já em idade adulta, teve como

* Doutor em Educação e Sociedade pela Universidade de Barcelona, Espanha. Professor na Universidade Federal da Integração Latino-Americana. E-mail: miguel.cristi@unila.edu.br ** Psicóloga Clínica (CRP 08/30961), pelo Centro Universitário de Pato Branco - UNIDEP. Mestrado em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. E-mail: deboragregorini@hotmail.com

professor de latim e filosofia Franciscus van den Enden, filósofo, artista e médico defensor da liberdade de pensamento e da soberania popular. A influência de Van de Enden favoreceu que Spinoza criasse ideias bastante evoluídas ou avançadas para a época. Da mesma forma que seu mestre, Spinoza foi perseguido, expulso da comunidade hebraica e declarado apóstata do Torah. De fato, pelas diferenças que estabeleceu em relação ao judaísmo, e por extensão ao cristianismo, chegou a ser esfaqueado e insultado com todos os epítetos possíveis para amaldiçoar. Após estes problemas (que na verdade nunca cessaram), Spinoza teve poucas, mas fiéis amizades.

Para se sustentar, trabalhou como polidor de óculos e viveu uma vida sem comodidades, sofrida no que tange a saúde, mas bastante dedicada à leitura e a reflexão filosófica. Terminou ganhando muitos admiradores, alguns de grande destaque, como Leibniz. Foram-lhe oferecidas cátedras filosóficas, entre estas, oriundas da Universidade de Heidelberg, mas se negou a todos os oferecimentos acadêmicos por considerar que mesmo as universidades restringem a liberdade de pensar.

Devido à intolerância e violência exercida contra as divergências do pensamento bíblico, Spinoza publicou a maioria das suas obras de forma anônima, entre estas o *Tratado teológico-político*, onde fica clara a sua posição política e religiosidade: é contrário à intolerância religiosa e, consequentemente, advoga pela subordinação do clero à sociedade civil. Spinoza acreditava que o dogma limita a soberania da mente e do agir, razão pela qual também sofreu a hostilidade de católicos e seguidores da Reforma.

A filosofia de Spinoza é muito revolucionária para os tempos em que viveu. Destacamos estes pontos: sua metafísica nega a figura de um Deus antropomórfico e moralista, negando desta forma o retrato fisiológico e ético de Deus na Bíblia; defendia veementemente a liberdade de expressão e a soberania da sociedade civil acima de qualquer órgão clerical ou noção de sacralidade; na *Ética*, ao modo de um tratado geométrico, adota uma linguagem ‘cartesiana’ ou ‘euclidiana’, ou seja, expõe seu próprio sistema filosófico a partir de definições, axiomas, proposições e escólios. Infelizmente, a *Ética* foi publicada um ano após a morte de Spinoza, que ocorreu em 1677.

Diferentemente das obras éticas e estéticas da sua época, a *Ethica ordine geometrico demonstrata* está longe de ser um manual de moralidades e não possui resquícios de misticismos. De cunho performativo, com um estilo e estrutura pouco comuns, a obra está escrita de maneira que é capaz de estabelecer uma conexão vital entre ‘o dito’ e quem o ‘lê’. Inicia com Deus, discursa sobre a natureza do ser humano, e termina com o ser humano em relação a Deus. As primeiras três partes da obra tentam constatar, isto é, não possuem uma ética avaliativa, enquanto a quarta constata e valoriza (bem ou mal, servidão, força...) e a quinta parte exhibe e demonstra como a mente, ao ser capaz de estabelecer ‘ideias adequadas’, tem a possibilidade de conhecer ‘partes’ da substância, ou seja, de Deus, e, graças a isso, participar da Eternidade.

2.DESCARTES: O PONTO DE PARTIDA DE SPINOZA, MAS NÃO DE CHEGADA

O declive da Idade Média como período histórico, muito se deve ao surgimento de uma figura de grande destaque na História da Filosofia: René Descartes. De fato, em relação ao final do Medievo, alguns situam-no na queda do Império Bizantino (que corresponde à parte oriental do Império Romano), em 1453; outros, com a substituição da economia feudal pelo sistema econômico mercantilista e, consequentemente, pela criação de estados nacionais. Também é situado o fim do mundo medieval com a chegada de Colombo à América em 1492². Outros ainda, marcam o fim da Idade Média com mudanças na forma de pensar, especialmente com a instalação do dualismo

cartesiano, ou seja, a *res cogitans* e a *res extensa*³. Por questões de espaço, sem maior discussão, vamos nos inclinar por esta última alternativa: a entrada de Descartes na História colabora para estabelecer o fim do pensamento medieval. Por quê? Porque Descartes é fundamental não só para compreender um antes e um depois na reflexão filosófica sobre o acesso e criação do conhecimento, mas também porque é o ponto de partida (mas não de chegada) dos postulados metafísicos e gnosiológicos de Baruch Spinoza. Vejamos:

Pode-se dizer que somos sujeitos percipientes por natureza e, portanto, nosso acesso ao conhecimento e nossa abertura e compreensão do mundo começa pelas percepções. Sobre este assunto, entre muitas coisas, em Descartes se observam os seguintes aspectos⁴

A	Não podemos ter certeza da qualidade de nossas percepções, porque algum “demônio” ou “gênio do mal” está constantemente nos enviando estímulos ou objetos da percepção não apenas falsos, mas sobretudo “desviadores” da nossa razão.
B	É certeza que existimos, e não que sabemos que existimos porque captar ou compreender a possibilidade da existência do “demônio” significa que estamos pensando (<i>cogito</i>), ou seja (<i>ergo</i>), existindo (<i>sum</i> sou).
C	Com o anterior, não é negado o sujeito que pensa (<i>res cogitans</i>), mas sim, que se instala a dúvida em relação ao próprio corpo e os objetos da percepção (<i>res extensa</i>).

Quadro 1: três aspectos do cogito cartesiano | **Fonte:** elaboração própria

O dualismo cartesiano se refere a *res extensa* e a *res cogitans* como substâncias distintas e independentes uma da outra. O ‘exterior’ é conhecido, segundo Descartes, mecanicamente e a partir da relação causa-efeito (conhecer a causa é conhecer o efeito). Na *res extensa* não há liberdade, apenas necessidade; a liberdade existe, então, na *res cogitans*. Para Descartes, o ser humano é, por dizê-lo de forma simples, ‘cogitans e alma’. A alma é sinônimo da nossa imortalidade, enquanto que com o *cogitans* podemos nos relacionar com Deus –que é infinito, perfeito, eterno e bom– e com sua criação, que são os objetos ou fenômenos da percepção, do conhecimento, criados por Ele.

Como se sabe, Descartes (1596-1650) faz os seus estudos em tempos de ‘disputa’ entre o *Trivium et Quadrivium*, isto é, as Sete Artes Liberais da Escolástica e a incipiente *Ratio Studiorum* da Companhia de Jesus. A diferença entre o plano de estudos dos magísteres escolásticos e dos jesuítas é grande em muitos aspectos, mas tem um fundo metodológico em comum: *lectio* e *disputatio*. A *lectio* corresponde ao comentário de uma leitura (clássica, científica, bíblica ou obra teológica) e *disputatio* faz referência ao questionamento do que foi lido, isto é, a examinar um problema e apresentar diferentes argumentos a favor ou contra.⁵ A *Ratio*, além de estabelecer as obrigações de cada um dos agentes do processo educativo, estabeleceu uma ordem de “estudos inferiores” (humanidades) e “estudos superiores” (filosofia e teologia). As regras de ensino da *Ratio* permitem observar uma estrutura essencialista do conhecimento, muito fechada nos conteúdos e baseada no fortalecimento da memória e de algumas capacidades de análise que não colocam em risco a moralidade e as verdades estabelecidas rigidamente pela Igreja. Não há espaço para a participação do aluno nem para o pensamento autônomo e crítico. Se funda, deste modo, o que hoje entendemos como educação tradicional.

No “*Discurso do Método*”, Descartes, contrariando estes modelos de acesso ao conhecimento, vai criando a ideia de que é possível compreender objetivamente, ao modo matemático, os fenômenos do mundo, e que se há um método de compreensão do

mundo, então também é possível fundamentar um método para ensiná-lo⁶. Em relação à filosofia, Descartes lembra alguns dos problemas na sua formação:

Nada diré de la filosofía, sino que al ver que ha sido cultivada por los más excelentes ingenios que han vivido desde hace siglos, y, sin embargo, nada hay en ella que no sea objeto de disputa. y, por consiguiente, dudoso, no tenía yo la presunción de esperar acertar mejor que los demás; y considerando cuán diversas pueden ser las opiniones tocantes a una misma materia, sostenidas todas por gentes doctas, aun cuando no puede ser verdadera más que una sola, reputaba casi por falso todo lo que no fuera más que verosímil⁷

E, para liberar-se deste problema, tomou a posição de

no admitir como verdadera cosa alguna, como no supiese con evidencia que lo es; es decir, evitar cuidadosamente la precipitación y la prevención, y no comprender en mis juicios nada más que lo que se presentase tan clara y distintamente a mi espíritu, que no hubiese ninguna ocasión de ponerlo en duda⁸

No decorrer do *Discurso*, Descartes desenvolve a ideia de que o conhecimento deve ter a maior clareza possível. Para isto, a nossa formação deve ser genuína e individual, com o objetivo de torná-la autônoma (uso próprio da razão), pois a escola (nos cânones da sua época) não proporcionava os meios para alcançar a verdade; visto que o cultivo do intelecto é negligenciado, e os estudos formais devem proporcionar o crescimento da dimensão racional-objetiva do sujeito (caminho que ele encontra nas matemáticas e leva para a filosofia). Descartes, ao mesmo tempo, não dá lugar à ideia de que as emoções tenham participação na nossa aproximação ao conhecimento. De fato, ao modo ciceroniano, separa as emoções do conhecimento racional, que entende como verdadeiro e objetivo⁹. De qualquer forma, como pensa Russell, é justo assinalar que Descartes não teve a intenção de impor um ‘método’, mas sim de mostrar que ele se fez valer, com sucesso, do seu próprio uso da razão, isto é, do internalismo da consciência: “olhar para dentro de si mesmo para encontrar a verdade”¹⁰.

É precisamente neste momento da História que ‘entra no jogo’ Baruch Spinoza, quem arremete com força contra as concepções teológicas de sua época e o modo como estas concebam a natureza humana e o universo. Da mesma forma, Spinoza é contrário aos dualismos ou linhas divisórias entre ‘mente e corpo’ e entre ‘razão e emoção’, mas sem que isto signifique negar completamente as contribuições de Descartes no pensamento moderno.

3.O PAPEL DAS EMOÇÕES NA ÉTICA DE SPINOZA

Na Parte I da obra, Spinoza pensa que se há um ‘Deus’ este será a substância. Em termos gerais, a metafísica spinozana é composta de três conceitos básicos, nesta ordem e não inversamente: substância, atributos e modos. Por substância compreende “aquilo que existe em si mesmo e que por si mesmo é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não exige o conceito de outra coisa do qual deva ser formado”. Por Deus “um ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita”. Os atributos são “aquilo que, de uma substância, o intelecto percebe como constituindo a sua essência”. Finalmente, as ‘afeições’ da substância as chama de ‘modos’, i. e., “aquilo que existe em outra coisa, por meio da qual é também concebido”¹¹.

Para Spinoza, nós seres humanos somos modificações –finitas e imperfeitas– da substância, mas isso não impede que sejamos capazes de conhecer dois dos infinitos atributos dela: o corpo (res extensa) e o pensamento/mente (res cogitans), portanto, se

“o pensamento é um atributo de Deus (...) Deus é uma coisa pensante” e, se “a extensão é um atributo de Deus (...) Deus é uma coisa extensa”.¹² Partindo desde Descartes, mas contestando o dualismo cartesiano, Spinoza pensa que estes atributos são indissociáveis, pois a mente conhece o corpo a partir das afeições do próprio corpo. A Parte II da *Ética* trata principalmente disso, da natureza psicofísica do ser.¹³ Iniciando novamente desde Descartes, mas também se diferenciando dele, para Spinoza não somos só mente, mas sim corpos pensantes e com emoções. Em outras palavras, corpo e mente estão intimamente conectados e mantêm relações causais. O que sente o corpo sente a mente, e vice-versa. Dito de outra forma, para Spinoza o corpo cumpre um papel fundamental no conhecimento. Isto porque o sujeito, como modificação psicofísica da substância, está constantemente submetido às causas externas: um acontecimento o afeta em uma dupla fase, se afeta o corpo afeta a mente, i. e., as afeições do corpo são afeições da mente, e vice-versa.

A Parte III da *Ética* contém a teoria dos afetos e afeições. Em termos globais, na tradição filosófica o termo afeição se refere a todo estado ou condição de realizar uma ação ou ser influenciado ou modificado por ela. Descartes, nas “Paixões da alma”, chama as emoções de afeições, no sentido de modificações experimentadas na alma, produto das forças mecânicas do corpo. A ação exercida pelas forças do corpo é regida pela glândula pineal, onde ele acreditava que a alma aderisse à extensão. Portanto, na glândula pineal também residem as emoções, cuja função consiste em proteger o corpo e fazê-lo mais saudável e perfeito.¹⁴ São duas as emoções básicas em Descartes, a alegria e a tristeza. Com a alegria o corpo se sente confortável e com a tristeza o contrário. Com o objeto de conservar e proteger o corpo, a alma procura a alegria e tenta se desviar da tristeza. O que se observa implicitamente, nesta proposta de Descartes, é a sua rígida tentativa de separar a alma do corpo; em consequência, a divisão entre cogito e extensão.

O que propõe Spinoza em sua concepção apresentada na *Ética* é que os afetos vêm de causas que podemos estudar e compreender cientificamente, adotando no seu discurso uma linguagem geométrica. Desta forma, segundo Sawaia, Spinoza se contrapõe “à concepção dominante em sua época, defendendo que as emoções não devem ser combatidas ou criticadas, tampouco serem compreendidas como um vício da natureza humana, e sim como uma propriedade que lhe é tão pertinente como o calor e o frio.”¹⁵

No prefácio, de forma muito eloquente, o filósofo comenta que todos os que falaram mal das emoções, dos afetos, foram sobretudo moralistas ou definiram as paixões como defeitos humanos abomináveis, e, portanto, como algo que necessariamente precisa-se corrigir ou suprimir. Nem Descartes se salva da crítica:

Descartes embora também acreditasse que a mente tem um poder absoluto sobre suas próprias ações, tentou aplicadamente, entretanto, explicar os afetos humanos por suas causas primeiras e mostrar, ao mesmo tempo, a via pela qual a mente poder ter um domínio absoluto sobre os afetos. Mas ele nada mais mostrou, em minha opinião, do que a perspicácia de sua grande inteligência.¹⁶

Spinoza chama de *affectus* o que comumente nós chamamos de emoções ou sentimentos. As emoções, na forma de paixões, transformam-se em uma impotência da mente. Isso porque, “as paixões dependem exclusivamente das ideias inadequadas”¹⁷, mas (como se observa mais claramente na Parte V da *Ética*) a mente consegue superar as paixões na medida em que é capaz de transformá-las em ‘ideias adequadas’: “As ações da mente provêm exclusivamente das ideias adequadas”¹⁸. A única entidade livre de paixões é Deus, “porque não é afetado por qualquer afeto de alegria ou tristeza”¹⁹ e, portanto, está livre de ideias ‘confusas’ ou ‘inadequadas’.

Diferentemente de Descartes, Spinoza compreende que a mente e o corpo

compartilham da mesma realidade. Para fundamentar esta posição, utiliza como indicador o conceito de *conatus*, que entende como a essência básica do ser humano. O *conatus* se refere ao ‘instinto’ de viver em uma dupla acepção: como esforço por conservar o nosso ser, como impulso que favorece a nossa existência, considerando a máxima de que todos os seres humanos desejam viver²⁰: “cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser” e “o esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser nada mais é do que a sua essencial atual.”²¹

Viver ‘bem’ em relação às nossas emoções, em Spinoza, corresponderia à uma vida em conformidade com as ‘ideias adequadas’, e é a mente a que possui este domínio. Por esse motivo, se desejamos compreender a teoria spinozana das emoções, antes devemos observar o sistema gnosiológico de Spinoza:

a) Para Spinoza o corpo é constantemente submetido a causas externas. A única certeza que temos é a existência do nosso próprio corpo, no sentido de se este, afetado por causas externas, está ativo ou em repouso. Todos os corpos são diferentes entre si, portanto, são afetados de forma distinta. Assim sendo, o conhecimento vem das diferenças entre os corpos (que ele chama de complexidade). Em suas palavras: “um só e mesmo corpo, em razão da diferença de natureza dos corpos que se movem, é movido de diferentes maneiras, e, inversamente, corpos diferentes são movidos de diferentes maneiras por um só e mesmo corpo²²

b) Na mente – que compartilha a mesma realidade da extensão – as ideias construídas em relação aos outros corpos/fatos/fenômenos são, em termos simples, presunções valorativas que precisam de confirmação como critério de verdade. Isto é chamado por Descartes de juízo: que seria o uso da razão mais a vontade de julgar. Em Spinoza a situação é diferente: o juízo é composto por ideias possuídas e não possuídas. Isto se deve ao fato de que somos seres limitados, ou seja, nosso conhecimento é finito. A questão é que ainda que com nossas limitações e defeitos, estamos em constante interação: nosso corpo e nossas experiências (as afeições) são distintos dos outros corpos e experiências, mas ainda assim operamos em constante relação, como causas externas (afeições) uns dos outros.

c) Um exemplo de ideia mutilada, ou seja, fora da verdade, é acreditar que a Terra existe, mas que é plana. Então, quando julgamos algo, quanto mais são as ideias inadequadas que expressam o juízo, mais o juízo ‘mutila’ a verdade; e quanto mais reduzidas sejam, mais o juízo se ‘completa’ da verdade. Uma ideia que tenta se libertar da ignorância, incrementa possibilidades de ser adequada; se a adequação é confirmada, a ideia é verdadeira, ou seja, completa e infinita (pois é simétrica à ideia possuída por Deus). Uma ideia plenamente adequada é a substância, a qual por si mesma só possui ideias adequadas. Posto isto, aparecem em Spinoza os três gêneros do conhecimento: a imaginação, o intelecto/razão e a intuição.

d) A imaginação corresponde ao juízo formulado a partir do que ignoramos. Quando a imaginação configura as nossas ideias, nos ‘movemos’ ou ‘repousamos’ a partir de erros e preconceitos, por exemplo: que a mente é superior ao corpo, que nas linhas da mão é possível ler o destino, que com o baralho podemos descobrir infidelidades, que existe o livre arbítrio. A imaginação, desta forma, costuma nos conduzir a ideias inadequadas, ou seja, juízos elaborados a partir do que ignoramos: “a imaginação é a única causa da falsidade”, afirma Spinoza²³. Não entanto, a imaginação não pode ser entendida como pura bobagem, mas sim como a forma mais comum de viver em relação aos outros corpos; podendo, por exemplo, ser entendida como processo corporal que participa na produção de conhecimento, pelos ‘signos’ (imagens, palavras etc.) e pelos ‘sentidos’. Ao ser afetado, em contato com os outros corpos, a imaginação é capaz de demonstrar que o nosso corpo (e mente) não é uma realidade estática, que somos seres mutáveis, portanto, no âmbito da mutabilidade, nos permite captar a nossa finitude. A imaginação, neste cenário, pode ser um instrumento da razão.

Ainda assim, só o conhecimento de segundo e terceiro gêneros, isto é, o intelecto e a intuição, “nos ensina a distinguir o verdadeiro do falso”.²⁴ O segundo gênero é argumentativo-científico e aparece quando podemos interpretar adequadamente a ordem e conexão das coisas/corpos/fenômenos. Este tipo de conhecimento, a razão, é capaz de estabelecer as propriedades comuns das coisas, por exemplo, que um quadrado tem quatro ângulos; que uma molécula de água é H₂O, ou seja, que é constituída por dois átomos de hidrogênio ligados a um átomo de oxigênio, e que pode ser encontrada nos estados sólido, líquido e gasoso. Uma diferença entre o conhecimento da imaginação e o da razão pode ser esta: em relação ao clima, a imaginação o categoriza como quente ou frio; a razão, a expressa em graus celsius ou fahrenheit exatos. Por exemplo: se por telefone um colombiano que não conhece o Chile disse para um chileno, ‘oi amigo chileno, estou bebendo um tinto’, o chileno ‘imaginará’ que o colombiano bebe um vinho; se ao mesmo tempo o chileno responde para o colombiano que está também bebendo um ‘tinto’, o colombiano ‘imaginará’ que o chileno está bebendo um café. Tinto em muitas regiões da Colômbia é um café, já em todo Chile, tinto é vinho. A palavra ‘tinto’ expressa um significado diferente em relação à experiência que possuímos com ela. Mas seja café ou seja vinho, é uma modificação da substância com a qual nos relacionamos (e chegamos a conhecer) a partir dos únicos dois atributos que conhecemos, o pensamento e a extensão. O terceiro gênero, a intuição ou ciência intuitiva, só possibilita chegar a ‘ideias adequadas’ e, quanto mais ideias adequadas temos, mais ‘pedacinhos’ das infinitas ‘partes’ da substância conhecemos. Sendo assim, só a ciência intuitiva nos conduz ao conhecimento de ideias eternas (como a quarta proporcional de três números). Trata-se do contato com a ‘mente de Deus’, ou seja, ter uma ideia adequada corresponde a nada mais nem nada menos, que ter a mesma ideia que Deus tem sobre algo.

Voltando para o sistema spinozano dos afetos, das emoções, vale a pena relembrar duas questões importantes: 1. para Spinoza somos seres psicofísicos, mas também emotivos (mudamos); as emoções, portanto, são tipicamente humanas. 2. O nosso elemento essencial é o *conatus*, o esforço por nos conservar. Como a nossa constituição psicofísica já foi explicada, vamos observar o *conatus* no âmbito dos afetos. Por afeto, Spinoza compreende “as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções”²⁵.

Lembremos que o nosso corpo pode ser afetado de muitas maneiras pelos demais corpos, e que, da mesma maneira, nosso corpo pode afetar das mais variadas formas os outros corpos. O esquema spinozano envolve o afetar e ser afetado, que experimentamos através do alinhamento do *conatus* com as duas emoções mais básicas: alegria e tristeza. Com efeito, para Spinoza, *conatus*, alegria e tristeza são os três elementos que nos permitem conhecer todas as demais emoções. O *conatus*, na direção dessas duas emoções, pode favorecer ou desfavorecer nossa capacidade de ação: o que favorece a alegria aumenta nossa potência de agir; o que nos conduz à tristeza diminui nossa potência de agir.

Nesse cenário, considerando-nos sujeitos desejantes, qualificamos as coisas/corpos/fatos nas categorias de “Bom” (bem) ou “Ruim” (mal), mas, para Spinoza, como as nossas experiências são egoísticas, o nosso *conatus* também é individual e, portanto, em nossa individualidade costumamos chamar de bom a algo que desejamos, e de ruim, algo que não queremos. Os juízos que realizamos em relação a outro corpo/fenômeno são uma consequência dos nossos desejos, que os categoriza como “bem” ou “mal”²⁶. Se na extensão os afetos são diferentes de um corpo a outro, os juízos também o serão, e, portanto, as ideias de bem e de mal são fruto da nossa subjetividade. De fato, “não designam nada de positivo a respeito das coisas, consideradas em si mesmas, e nada mais são do que modos do pensar ou de noções, que formamos por compararmos as

coisas entre si”²⁷. Mas a subjetividade pode ser uma limitação e, conseqüentemente, estabelecer ideias inadequadas.

A questão é que para Spinoza o ser humano é ‘menos’ racional e ‘mais’ emotivo, pelo fato de que ordinariamente desejamos de forma inadequada. Não sabemos, de fato, distinguir um ‘amor adequado’ de um ‘amor inadequado’. Neste ponto, as emoções de amor e ódio formam uma parte importante no esquema spinozano das emoções: o amor –que é a consciência de algo que nos dá alegria– é a máxima expressão do conatus, pois, a alegria aumenta o conatus, ou seja, a nossa capacidade de agir; contrariamente, o ‘ódio’ equivale a tristeza, e assim obstaculiza ou impede nossa capacidade de atuar (inclusive de viver). De fato, segundo Spinoza: “O amor nada mais é do que a alegria, acompanhada da ideia de uma causa exterior, e o ódio nada mais é do que a tristeza, acompanhada de uma causa exterior.”²⁸

Desde outra perspectiva, os afetos também operam como ‘espelhos’: nos ‘vemos’ ou ‘projetamos’ em outras pessoas e, nesse caso, há uma espécie de ‘espelhamento ou reflexo emotivo’, pois “se imaginamos que alguém, que não nos provocou qualquer afeto, afeta de alegria uma coisa semelhante a nós, seremos afetados de amor para com ele. Se, contrariamente, imaginamos que a afeta de tristeza, seremos afetados de ódio para com ele.”²⁹. Outra pessoa pode aumentar ou diminuir a nossa potência de agir. “Se a natureza de um corpo exterior é semelhante à de nosso corpo, então a ideia do corpo exterior que imaginamos envolverá uma afecção de nosso corpo exterior. Conseqüentemente, se imaginamos que alguém semelhante a nós é afetado de algum afeto, essa imaginação exprimirá uma afecção de nosso corpo semelhante àquele afeto”³⁰.

Em síntese, os seres humanos podem ser, no sistema de Spinoza, ‘emotivamente adequados’ ou ‘emotivamente inadequados’. Temos mais do último, visto que costumamos ignorar as causas que nos afetam (direta ou indiretamente) pelo fato que nosso conhecimento do mundo é parcial, e vivemos no ‘reino’ das ideias mutiladas, i. e., incompletas e desviadoras da razão. Só Deus, a substância, tem o conhecimento total do mundo. Spinoza, assim, coloca ao ser humano, antes que racional, como um ser emotivo.

A juízo de Spinoza, as emoções são uma expressão da nossa finitude, no sentido da mutabilidade. Mas a substância não tem nem conhece as emoções, carece de *conatus* e, portanto, não sabe de tristezas ou alegrias. As emoções são parte da natureza humana, ou seja, das modificações da substância. Desta forma, a ética é uma questão puramente humana, pois Deus, ao carecer de *conatus* não tem mudança, ou seja, não perde nem ganha potência de agir; nós, os humanos, sim. Conforma-se, então, um modelo de ética que está submerso nas emoções, porque em nós são mais fortes que a razão. E se nos conhecendo, conhecemos as nossas emoções, devemos privilegiar as emoções que brotam da razão.

Por outra parte, como já mencionado, os afetos também podem ser entendidos como reflexos (espelhamentos) em um duplo sentido: nos refletimos nos outros, mas também julgamos os outros a partir de associações baseadas na memória emotiva na ordem de simpatia ou antipatia. Neste contexto, exemplos de ideias inadequadas, mutiladas, podem ser o racismo e o machismo, ambas geradas pela nossa ‘imaginação’ e pela antipatia gerada pela mente, e a superstição, ideia confusa que associa uma causa com algo que não é a causa (exemplo: com todas as Marias que João conheceu, teve problemas; João decide nunca mais se relacionar com alguém chamada de Maria). Sobre situações como essas, diz Spinoza:

se alguém foi afetado, de alegria ou de tristeza, por um outro, cujo grupo social ou nacional é diferente do seu, alegria ou tristeza vem acompanhada, como causa, da ideia desse outro, associada à designação genérica desse grupo, ela não apenas

amará ou odiará esse outro, mas também todos os que pertencem ao mesmo grupo³¹.

Outra coisa importante de sublinhar neste momento, é que o conhecimento das causas de um afeto, muda a nossa emotividade. Exemplo: tenho medo dos gambás, mas tenho medo e odeio profundamente mais os carrapatos. Se descobro que o alimento favorito dos gambás são precisamente os carrapatos, e que há gambás rodeando o meu lar, minha emotividade respeito deles pode mudar. As imagens que nós fabricamos das coisas não são absurdas pois revelam o nosso modo de viver: “quem imagina que aquilo que odeia é destruído se alegrará”³² e, igualmente, “quem imagina que aquilo que ama é afetado de alegria ou de tristeza, será igualmente afetado de alegria ou de tristeza”.³³ Se emoções como o ódio e o medo podem se tornar, dependendo do caso, um desejo da minha emotividade o amor e a alegria também. Para Spinoza, conhecer as emoções, finalmente, consiste em utilizá-las racionalmente e da melhor forma (utilidade), isto é um aspecto central da *Ética*.

Nas partes IV e V da obra é possível encontrar a finalidade da ética spinozana. Considerando que para Spinoza os corpos compartilham duas coisas em comum, o movimento/atividade ou repouso, o ser humano é escravo das influências externas (afeições externas), que o ‘movimentam’ determinantemente ou o ‘paralisam’. Assim sendo, a liberdade em Spinoza consiste na independência –não na eliminação do contato– das influências externas (incluindo, logicamente, as paixões). A liberdade é a causa adequada do agir. Ser livre é vivenciar a via da razão, a autossuficiência, e atuar segundo a razão é agir com e segundo a natureza, onde não há possibilidade de livre arbítrio³⁴.

Em conclusão, o papel das emoções (da razão) é que potencializam o nosso agir, e devemos utilizar isto com inteligência. Convém aqui citar de forma completa a *Proposição 35* e sua *Demonstração*:

Proposição 35. Apenas à medida que vivem sob a condução da razão, os homens concordam, sempre e necessariamente, em natureza.

Demonstração: à medida que os homens são afligidos por afetos que são paixões, eles podem ser diferentes em natureza e mutuamente contrários. Diz-se, por outro lado, que os homens agem apenas à medida que vivem sob a condução da razão. Por tanto, tudo o que segue da natureza humana, enquanto definida pela razão, deve ser compreendido exclusivamente por meio da natureza humana, como causa próxima, que é, de tudo que dela se segue. Mas como cada um deseja, pelas leis de sua natureza, o que é bom e se esforça por afastar o que julga ser mau; e, como além disso, aquilo que julgamos, segundo o ditame da razão, ser bom o mau, é necessariamente bom o mau; então apenas à medida que vivem sob a condução da razão, os homens necessariamente fazem o que é necessariamente bom para a natureza humana e, conseqüentemente, para cada homem, isto é, aquilo que concorda com a natureza de cada homem. Por isso, igualmente, à medida que vem sob a condução da razão, os homens concordam, sempre e necessariamente, entre si.

De forma similar a Sócrates (que recrimina a ignorância e não ao ignorante) e Jesus de Nazaré (que odeia o pecado, não ao pecador), Spinoza acredita que é a ignorância o que nos conduz ao ‘mal’, portanto, é só o conhecimento que nos permite viver adequadamente (e conseguir a alegria). De fato, é possível pensar que a *Ética* é uma ética do conhecimento científico, isto é, adequado, do ‘bem’: entendido este ‘bem’ como projeto de sabedoria de vida, conhecer mente/corpo/emoções como uma só realidade.³⁵ Estas condições implicam que sejamos racionais e emotivos em ordem e conexão, cuidado e conservação, pois só desta forma entenderemos o ‘bem’ como

autodeterminação, como participação e como comunhão com a substância, ou seja, com o infinito do universo: a ‘salvação’. Mas, com tudo, esse caminho não é fácil, pois “se a salvação estivesse à disposição e pudesse ser encontrada sem maior esforço, como explicar que ela seja negligenciada por quase todos? Mas tudo o que é precioso é tão difícil como raro.”³⁶

4. CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES FINAIS

Os afetos, as emoções, diminuem ou aumentam a nossa capacidade de agir. Spinoza distingue a potência emotiva em ações e paixões. A primeira se refere a que quando somos a causa adequada de uma condição ou situação afetiva, pois atuamos, ou seja, agimos em conformidade; a segunda, quando não somos a causa adequada de uma condição ou situação afetiva, agimos em desconformidade, ou seja, sofremos. Em síntese, quanto mais somos causa adequada, mais livres seremos.

A Ética de Spinoza, aprova e confirma a ideia de liberdade, mas não de livre arbítrio. Quanto mais ativo é um ente, mais conhece as suas emoções adequadamente no sentido que estas já não são limitações determinantes da sua razão: é autossuficiente porque atua desde si próprio e não desde as afeições das outras modificações da substância. Nesse espaço é onde adere à sua liberdade: não está submetido ou constringido aos afetos de outro corpo/fenômeno.

Apesar das nossas limitações, para Spinoza podemos minimizá-las, ao ponto de viver uma boa vida, isto é, adequadamente feliz em relação a nós mesmos e os outros: “só homens livres são muito gratos uns para com outros”³⁷. As pessoas livres não atuam com dolo, com malícia, e sim de boa fé³⁸. Estas duas condições são sumamente importantes para a atuação na esfera política, pois “o homem que se conduz pela razão é mais livre na sociedade civil, onde vive de acordo com as leis comuns, do que na solidão, onde obedece apenas a si mesmo.”³⁹

Finalmente, devemos manifestar que pela influência gerada até os dias atuais, pela forma em que diversas áreas do conhecimento, como a própria filosofia, a neurociência, a psicologia e a educação⁴⁰, vem demonstrando cientificamente que a *Ética* tinha razão em seus postulados, o Anátoma de 1656 contra Spinoza, «*maldito seja de dia e maldito seja de noite, maldito seja no seu deitar e maldito seja em seu levantar, maldito seja em seu sair e maldito seja em seu entrar*», merece esta resposta: «*iluminado seja Spinoza e iluminada seja a sua participação na Eternidade*».

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Diccionario de Filosofia*. México: Fondo de Cultura Económica, 2007
- ABBAGNANO, Nicola; VISALBERGHI, Aldo. *Historia de la pedagogía*. México: Fondo de Cultura Económica, 2000
- ABREU, Luis. *O lugar da pedagogia em Spinoza*. Filosofia e Educação, 5(1), 2013
- AHUMADA-CRISTI, Miguel. *El concepto de existencia continúa en el Tratado de Naturaleza Humana de David Hume*. Revista de Filosofía de la Universidad de Costa Rica, LVII (149), 2018.
- ALSINA, José. *Descartes y los fundamentos filosóficos de la modernidad*. Catoblepas. n. 168, 2016
- BENAVIDES, Iván. *El cuerpo como principio de libertad en Spinoza*. Daimon, n. 5, 2016
- DAMÁSIO, Antonio. *En busca de Spinoza*. Barcelona: Crítica
- DESCARTES, René. *Discurso del método* | Grandes Pensadores. Madrid: Gredos, 2011
- DESCARTES, René. *Las pasiones del alma*. Madrid: Tecnos, 1997.

- DESCARTES, René. *Meditaciones metafísicas*. Santiago de Chile: ARCIS, 2000
- GIANNINI, Humberto. *Historia de la Filosofía*. Santiago de Chile: Catalonia, 2007
- MASCI, Miguel. *Spinoza y el conocimiento problemático de las pasiones*. Eidos, n. 9, 2008
- OLIVEIRA, Fernando. *O espinosismo é uma forma de educação libertária*. Educação e Pesquisa, v. 45, 2019.
- REDING, Sofia. *Cristóbal Colón y el Caribe: oro y desnudez*. En-claves, v. 6, n.1, 2012
- RUSSELL, Bertrand. *História do pensamento ocidental*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017
- SAVIANI, Demerval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2013
- SAWAIA, Bader. *Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social*. Psicologia & Sociedade, v. 21, n. 3, 2009
- SPINOZA, Baruch. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022
- SPINOZA, Baruch. *Tratado teológico-político*. México DF: Porrúa, 2007.
- TOMAZ, Carlos; GIUGLIANO, Lilian. *A razão das emoções: um ensaio sobre “O erro de Descartes”*. Estudos de Psicologia, v. 2, n. 2, 1997

NOTAS

- 1 Confrontar com: RUSSELL, Bertrand. *História do pensamento ocidental*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017, p. 260; GIANNINI, Humberto. *Historia de la Filosofía*. Santiago de Chile: Catalonia, 2007, p. 193. SPINOZA, Baruch. *Tratado teológico-político*. México DF: Porrúa, 2007.
- 2 REDING, Sofia. *Cristóbal Colón y el Caribe: oro y desnudez*. En-claves, v. 6, n.1, 2012
- 3 ALSINA, José. *Descartes y los fundamentos filosóficos de la modernidad*. Catoblepas. n. 168, 2016
- 4 Quadro de elaboração própria. Cfr.: DESCARTES, René. *Meditaciones metafísicas*. Santiago de Chile: ARCIS, 2000; DESCARTES, René. *Discurso del método*. Madrid: Gredos, 2011; AHUMADA-CRISTI, Miguel. *El concepto de existencia continúa en el Tratado de Naturaleza Humana de David Hume*. Rev. de Filosofía U. de Costa Rica, LVII (149), 2018.
- 5 ABBAGNANO, Nicola; VISALBERGHI, Aldo. *Historia de la pedagogía*. México: Fondo de Cultura Económica, 2000, pp. 105-106; SAVIANI, Demerval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2013, p 52.
- 6 DESCARTES, René. *Discurso del método* | Grandes Pensadores. Madrid: Gredos, 2011
- 7 Idem, p. 104. Tradução nossa para o português: “Não direi nada sobre a filosofia, exceto que ao vê-la cultivada pelos mais excelentes gênios que viveram há séculos, e, ainda assim, não há nada nela que não seja objeto de disputa e, portanto, duvidoso, não tinha eu a presunção de esperar estar mais certo que os outros; e considerando quão diversas podem ser as opiniões sobre a mesma matéria, todas sustentadas por pessoas muito instruídas, mesmo quando não pode ser verdadeira mais do que uma só, julgava quase por falso tudo o que não fosse mais que verossímil.”
- 8 Idem, p. 114. Tradução nossa do espanhol para o português: “não admitir como verdadeira nenhuma coisa, que não soubesse com evidência o que é; isto é, evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e não compreender nos meus juízos nada mais do que se apresentasse tão clara e distintamente a meu espírito, que não houvesse nenhuma ocasião de colocá-lo em dúvida.”
- 9 TOMAZ, Carlos; GIUGLIANO, Lilian. *A razão das emoções: um ensaio sobre “O erro de Descartes”*. Estudos de Psicologia, v. 2, n. 2, 1997.
- 10 RUSSELL, Bertrand. *História do pensamento ocidental*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017, p. 255.
- 11 SPINOZA, Baruch. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022, p. 13 (todas as citações do

- parágrafo). Em diante a obra será citada simplesmente como 'Ética'
- 12 Ética, II, props. 1 e 2
- 13 Como modificações, somos, então, ínfimos pedacinhos da substância, imperfeitos e limitados. Mas, se o pensamento é um dos infinitos atributos da substância, cada 'eu pensante' seria um modo finito, que compreende a substância de forma limitada? Para Spinoza sim. De esta forma, se Deus é a causa sui (por nada causado) cujos atributos conhecidos por nosso 'eu', na nossa condição de efeitos da substância, são o pensamento e a extensão.
- 14 Cfr. ABBAGNANO, Nicola. *Diccionario de Filosofia*. México: FCE, 2007, p. 40; DESCARTES, René. *Las pasiones del alma*. Madrid: Tecnos, 1997.
- 15 SAWAIA, Bader. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. *Psicologia & Sociedade*, v. 21, n. 3, 2009, p. 366
- 16 Ética, III, prefácio
- 17 Ética, III, prop.3.
- 18 Idem.
- 19 Ética, V., prop. 17
- 20 O conatus é egoístico. Portanto, entende-se aqui falta de necessidade de viver como a causa conducente ao suicídio. As causas externas bloqueiam o conatus, ou seja, o esforço por viver.
- 21 Ética, III, prop. 6 e prop. 7
- 22 Ética, II, prop. 13, ax. 1
- 23 Ética, II, prop. 41
- 24 Ética, II, prop. 42
- 25 Ética, III, def. 3
- 26 Cfr. Ética, III, prop. 9, Esc.
- 27 Ética, IV, prefácio.
- 28 Ética, III, prop. 13, Esc.
- 29 Ética, III, prop. 27, Cor. 1 (isto fica ainda mais claro na prop. 29 da mesma parte)
- 30 Ética, III, prop. 27.
- 31 Ética, III, prop.46
- 32 Ética, III, prop. 20
- 33 Ética, III, prop. 21
- 34 BENAVIDES, Iván. *El cuerpo como principio de libertad en Spinoza*. Daimon, n. 5, 2016, p. 732
- 35 MASCI, Miguel. *Spinoza y el conocimiento problemático de las pasiones*. Eidos, n. 9, 2008, p.284
- 36 Ética, V, prop. 42, Esc.
- 37 Ética, IV, prop. 71
- 38 Cfr. Ética, IV, prop. 72
- 39 Ética, IV, prop. 73
- 40 Cfr.: DAMÁSIO, Antonio. *En busca de Spinoza*. Barcelona: Crítica; ABREU, Luis. *O lugar da pedagogia em Spinoza*. *Filosofia e Educação*, 5(1), 2013; OLIVEIRA, Fernando. *O espinosismo é uma forma de educação libertária*. *Educação e Pesquisa*, v. 45, 2019.